

POR UMA NOVA CHIADOLOGIA

A PROPÓSITO DA PARTICIPAÇÃO
DA ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA
NO PROJECTO

CHIADO - AS ARTES NA ESFERA PÚBLICA

JOÃO MARIA MENDES

BIBLIOTECA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA



Título	<i>Por uma nova chiadologia: a propósito da participação da Escola Superior de Teatro e Cinema no projecto Chiado - as artes na esfera pública</i>
Autor	João Maria Mendes
Imagem de capa	Fotógrafo desconhecido. Cafeteria do Museu Nacional de Arte Contemporânea, actual Museu do Chiado (s.d.). Joshua Benoliel, vendedor de banha da cobra, Largo de Camões, 1910. Joshua Beloniel, os Armazéns do Chiado, 1910.
Editor	Escola Superior de Teatro e Cinema
1ª edição	50 exemplares
Amadora	junho 2015



Joshua Benoliel, Lisboa, eleições de 1908. Arquivo Fotográfico Municipal, Lisboa.

Dedicatória — A Escola Superior de Teatro e Cinema associa-se, a partir de 2016, ao projecto *Chiado - As Artes na Esfera Pública*, que, coordenado pelo prof. José Quaresma da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, concretizou em 2015 a sua sétima edição anual, subordinada ao tema *O Chiado e o Cinema - Do Cinematógrafo ao Videomapping*, em parceria com o Museu Arqueológico do Carmo, com o Grémio Literário e com associações e instituições universitárias em Paris.

O projecto tem-se materializado, em cada edição, num colóquio temático, numa mostra de artefactos criativos ou objectos artísticos produzidos para a ocasião e que são objecto de apresentações e debate na sessão inaugural de uma exposição. O colóquio e a mostra resultam de convites

a *scholars*, especialistas e artistas feitos pela coordenação do projecto e que são, em primeiro lugar, docentes e discentes das instituições envolvidas, mas também outros investigadores de várias proveniências, incluindo países estrangeiros. Apresentando o livro que integrou a edição de 2015 do projecto, escrevia José Quaresma:

“Mantendo as características essenciais dos projectos anteriores, este ano, para além do arco que tem vindo a ser desenvolvido entre o Chiado e Paris a propósito das Artes na Esfera Pública, alargámos o âmbito de trabalhos a especialistas em arte pública no mundo anglo-saxónico (Estados Unidos, Canadá, Reino Unido) sendo nossa intenção manter em 2016 esta confluência de perspectivas com o projecto: *Chiado, Metrôpoles e U-topia, Artes na Esfera Pública*”.

Chiado, Metrôpoles e U-topia. Dado o mote temático para 2016, a preparação de comunicações ao colóquio e a concepção dos objectos artísticos que integrarão a mostra estão agora a iniciar-se. Como pode uma escola que ensina Teatro e Cinema associar-se a este projecto, aceitando o enfoque proposto? Garantindo comunicações destinadas a apresentação pública no colóquio e produzindo, a título experimental, um objecto cinematográfico e um objecto teatral.

No presente texto evocamos brevemente o que o Chiado significa para nós, com o objectivo de contribuir para a reflexão com vista a essa participação da ESTC na edição de 2016 do projecto. O texto pretende assim ser um *suscitador* de ideias concretizáveis por professores e alunos da Escola num calendário limitado. Possa ele desempenhar essa função e o seu objectivo terá sido atingido.

João Maria Mendes
Presidente da Escola Superior
de Teatro e Cinema



Frank Ching, *II Internacional Urbansketchers Symposium*, Lisboa, 2011. Disponível na url: <http://www.frankching.com/wordpress/wp-content/uploads/2012/07/LargoChiado.jpg>.

Lugar de memória — O Chiado é, globalmente apreciado, um “lugar de memória” no sentido que Pierre Nora (1984-1992) deu a esta expressão: um “lugar de memória” colectiva pode ser um objecto material geograficamente situado ou o objecto mais abstracto e intelectualmente construído. Um monumento, uma personagem ou grupo de personagens, um museu, arquivos, um quarteirão, um bairro, um edifício, uma instituição, uma paisagem, um símbolo ou uma divisa, um acontecimento, tornam-se “lugares de memória” sempre que escapam ao esquecimento porque uma comunidade ou colectividade os reinvestem de afecto e emoção, porque nascem para eles cicerones que os narrativizam ou porque em certa data os celebramos ou lhes apomos uma placa comemorativa que materializa essa celebração.

Mais exactamente, o Chiado é um concentrado urbano de lugares de memória colectiva, dada a apertada malha de vivências singulares e públicas que nele se teceram ao longo de mais de dois séculos. Como todos os bairros históricos das cidades contemporâneas, o Chiado tanto é um *fact of everyday's life* como um fantasma de outros tempos, uma colecção de daguerreótipos, uma *memorabilia* palimpsêstica e polifónica. Ali há mortos que querem ser por nós reconhecidos, *chiadar* connosco. Também devido ao inacumulo da sua “reabilitação”, à mistura entre o antigo inalterado e o recuperado, o Chiado é um *case study* deste aparecer do que morreu no que está vivo.

Seria preciso falar do bairro como Durrell falou de Alexandria nas primeiras páginas de *Justine* (o primeiro romance do *Quarteto de Alexandria*), resgatando os halos do passado e tornando-os paisagem quotidiana sobrecarregada de memória. Ou como Pessoa falou de Lisboa semeando no *Livro do Desassossego* apontamentos paisagísticos urbanos que fixam climas, atmosferas, anamneses. Uma instituição — talvez a Câmara, talvez o Centro Nacional de Cultura — poderia convidar fotógrafos e artistas a captar imagens do Chiado de hoje, que se exporiam em contraponto de uma sala dedicada a Joshua Benoliel. E poderia convidar autores literários a fixar em texto as suas impressões do bairro, que se editariam em contraponto de uma antologia de autores do romantismo e do realismo naturalista do século XIX. As potencialidades de novos trabalhos em torno do Chiado são muito vastas e polimorfas.

Não sendo especialista (sou apenas um lisboeta interessado nos destinos da cidade em que nasceu e que preside temporariamente a uma escola de ensino superior artístico), e respeitando desde já quem o é, peço desculpa por, neste mero esquisso, usar de tantos nomes e datas, correndo o risco de o tornar num inventário. Mas essa sobrecarga sublinha o meu intento: falar do Chiado envolve mergulhar nas diversas memórias que o configuram e lhe dão especificidade única.



Fotógrafo desconhecido. Assistência à passagem do cortejo de homenagem a Luís de Camões (s.d.).

Sobre o Chiado existe hoje uma vasta bibliografia, dispersa num sem número de artigos especializados, e que conheceu um pico de edição em torno da proposta de classificação da Baixa como património mundial (2004) e, no ano seguinte, na evocação dos 250 anos do

terramoto de 1755. Alguém que pretendesse hoje doutorar-se em memórias do Chiado teria pela frente a morosa tarefa de, avaliando o respectivo *estado da arte* e redigindo uma *literature review*, listar e conhecer esse minucioso acervo, da autoria de estudiosos da história da arquitectura e do urbanismo e de áreas conexas, e labirintizado em arquivos, cadernos e boletins municipais, revistas e edições universitárias, papéis jornalísticos, publicações de arquitectos e urbanistas, *et passim*.

Centralidade da Ópera — Vejam-se os termos da micro-síntese descritiva do Chiado apresentada em Janeiro de 2004 pela comissão portuguesa da UNESCO, na proposta de classificação da Baixa como património Mundial:

“No que se refere ao Chiado, a sua estrutura urbana e cultural foi feita em torno do Teatro da Ópera de S. Carlos e das residências dos aristocratas e burgueses opulentos. Nessa zona foram instalados, durante o século XIX e até ao período modernista do Estado Novo, os teatros, hotéis, clubes, grémios, livrarias e cafés literários e de tertúlia, onde as ideias e as novas modas circularam e se discutiram”.

Sim, a história cultural do Chiado passa decerto pela centralidade da ópera em São Carlos (o edifício foi construído em seis meses entre 1792 e 1793, inspirado no *San Carlo* de Nápoles e no *Scala* de Milão, para substituir o antigo Teatro-Ópera do Tejo, destruído pelo terramoto). Hoje, nas noites de verão, a sala ocupa o largo e torna-se espaço público e gratuito de concerto. E passa também pelos demais teatros, pelas conferências do Grémio Literário e pelas tertúlias dos cafés, depois pelas Belas-Artes (a antiga Academia instalada no convento de São Francisco em 1836 e tornada Escola em 1925) e pelo muito mais jovem Centro Nacional de Cultura, fundado em 1945. Adiante já falaremos do que foi o Chiado antes do Terramoto e da sua reconstrução, que reordenou a vasta ligação entre a Baixa e o Bairro Alto, transformando-o na zona que hoje conhecemos.

De certo modo, o Chiado pombalino sempre foi sobretudo ópera e teatro, performance e demais artes da cena, por causa de tanta gente que nele se encenou, se *produziu* como hoje se diz. E também foi cenário da literatura romântica, do realismo naturalista e dos

progressismos do *fin de siècle* e da *belle époque*: o Chiado de Eça, Ramalho Ortigão e Camilo, desse Camilo romântico que foi o primeiro a viver apenas do que escrevia e que, no prefácio do *Eusébio Macário* (1879), diria de si mesmo, talvez sentindo crescer contra si a sombra de Eça: “Tenho sido realista sem o saber. Nada me impede de continuar”.

Actores e artistas de grande projecção internacional passaram pelo Chiado nesse *fin de siècle* e nessa *belle époque*. Por exemplo Sarah Bernhardt exibiu-se no *Gymnasio* em 1882, na *Dama das Camélias* de Dumas (filho). E Max Linder filmou em Outubro de 1912, entre a estação do Rossio e o *São Luiz* (então *Theatro Republica*), sob direcção de Lino Ferreira e com um operador da *Pathé*, um filme de meia hora em que fazia de maltrapilho, quase sem poder deslocar-se por entre a multidão que o aclamava. Saía do comboio, subia a rua Nova do Almada e a Garrett improvisando momentos de comédia, acabava no teatro. O filme está hoje dado como perdido. Na mesma noite, protagonizou no *Republica* um *sketch* cómico, numa sessão em que também participou *mademoiselle* Napiers Kowska, então grande bailarina da Ópera de Paris, que teve de bisar (sobre o filme v. *A Capital*, 18.10.1912, pedindo ao *google* “Max Linder em Lisboa”).

O Chiado cultural e o dos espectáculos é decisivo na identidade que a zona ganhou na memória colectiva. Mas não menos importância tem o Chiado das grandes casas comerciais que moldaram o seu *habitus*, e o dos bancos e seguradoras que por um tempo pareceram querer transformar a zona em *city* — uma *city* mais vinda dos brasis do que das áfricas. Só a *Império*, desde 1943 na rua Garrett, chegou a ter 700 empregados.

Como objecto de estudo, o Chiado é, assim, abordável a partir de diferentes enfoques ou pontos de vista, que a seguir sugerimos sem pretensão de exaustividade:

1. Como projecto arquitectónico e urbanístico e parte da reconstrução pombalina da Lisboa destruída pelo terramoto de 1755, estruturando e reordenando a vasta subida da Baixa para o Bairro Alto.
2. Como bairro de vocação comercial, destinado a ser sede de lojas de

referência na cidade.

3. Como bairro de habitação para uma fracção da aristocracia e para uma burguesia abastada que o adoptaram ao longo de todo o século XIX.

4. Como zona onde se concentraram diferentes tipos de actividades culturais, com a sua Ópera, seus teatros e cinemas, cafés e livrarias que sempre albergaram tertúlias, as suas discussões de rua, os seus museus.

5. Como zona que se tornou cenário de referência na literatura do século XIX e princípios do século XX, quer como espaço de ficções, quer como lugar onde, através das instituições que nele se instalaram, houve vida filosófica e política durante o mesmo período – pontificando, aqui, o Grémio Literário.

6. Como cenário de numerosos protagonismos individuais e de grupo ao longo do século XIX e até aos anos 60 do século XX.

7. Como zona inumeramente retratada pela fotografia e como *location* de algum cinema, e área de instalação de alguma arte pública.

8. Como zona de ensino das artes, primeiro na Academia, depois na ESBAL, finalmente na FBAUL.

O entrecruzar destes diversos enfoques configurou um bairro que de provinciano passou a cosmopolita, onde a vida do comércio e a da cultura se cruzaram permanentemente com as liturgias dos templos católicos e com a *flânerie* de *habitués* que ali vinham exhibir sinais exteriores de diferentes tipos de riqueza. Por tudo isto, o Chiado terá gerado algo de comparável a um *etos* e gerou decerto um *habitus*, conquistando uma identidade que se media face a zonas de Paris como Saint-Germain-des-Prés, Montmartre ou Montparnasse. É bom não esquecer que ao longo de todo o século XIX e ainda em parte do século XX a cultura francesa e especialmente a cidade de Paris foram o *phantasma* e o *pharol* de Lisboa, que em tudo se lhe queria assemelhar. A influência francesa no Chiado é, aliás, um outro enfoque possível de abordagem do bairro. Uma curiosidade: no largo do Chiado, no antigo palácio Pinto Basto de 1791, que depois foi a seguradora *A Mundial*, esteve instalada a *Légation Française* e viveu Junot, marechal de Napoleão, em 1805, antes da invasão de 1807 que veio a comandar.



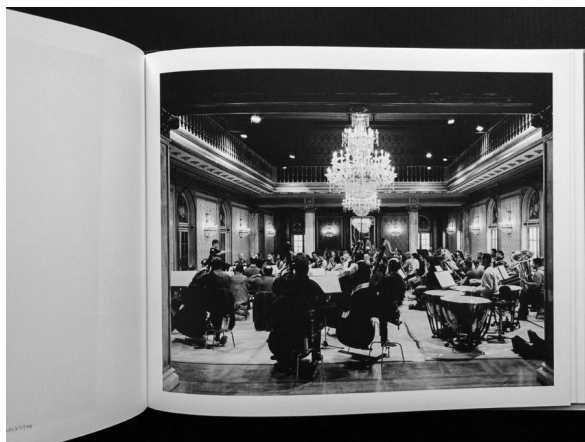
Fotógrafo desconhecido. Isabel II em São Carlos, 1957. Operalisboa.blogspot.com.



Fotógrafos desconhecidos. O público saúda a rainha. Ópera em S. Carlos, anos 40 do séc. XX.



Fotógrafo desconhecido. São Carlos: o camarote real (s.d.).



São Carlos. ©Paulo Catrica, 2011, *TNSC – A Prospectus Archive*, ed. EDP.

O chiadar e o chiadismo — Devido ao São Carlos e demais teatros, a começar pelo D. Amélia (depois São Luís), Eduardo Lourenço referiu-se ao “chiadístico público nacional”, marcante de sucessivas gerações e épocas culturais. E essa efervescência sobretudo literária e de *foyer*, tanta vez traduzida em maledicência e bengaladas, conviveu com as tertúlias dos cafés, o *chiadar* do dandismo, as conferências do Grémio e as suas aulas de esgrima, o comércio das chitas e os chás das cinco das lisboetas abastadas. Os armazéns do *Grandella* e do *Chiado* (estes últimos transformados, na reconstrução pós-1988, em centro comercial, incluindo uma nova Fnac, decisiva para a *vida* do complexo) tinham sido as catedrais desse mundo dos balcões femininos, bem como a *Ramiro Leão* da Rua Garrett, que desalojou o antigo *Hotel Borges* e o fez deslocar-se uns metros, ou a *Eduardo Martins*. O outro traço definatório do Chiado é portanto o do comércio *affairiste* e empreendedor, capaz de criar *casas* que duraram décadas e que se tornaram na pontuação da zona.

Esse *affairisme* terá tido as suas franjas mais secretas: em 1918 (ano do fim da Grande Guerra, onde Portugal perdera dez mil homens e de onde vira milhares voltarem estropiados ou gazeados), Carvalho Araújo escrevia que “...ao que parece existiam mesmo casas de *fumerie* de ópio nas ruas transversais do Chiado e nas Avenidas Novas” (citado por Nuno Ludovice em «Lisboa 1918: cidade de aparência alegre e louca», *Cadernos do Arquivo Municipal*, nº 4, 2000).

Estaremos ensaiando aqui uma “chiadística”, como no *Solaris* de Stanislaw Lem a astronáutica soviética inventou uma “solarística”? A existir, essa chiadística ou chiadologia (que herdaria de muita obra já feita) seria interdisciplinar e transdisciplinar mas também estreitamente lisiponense, e faria a história urbana e arquitectónica e a da iconografia, da toponímia, do valor económico, social e cultural do Chiado, dos seus *spleens* e esplendores, com uma forte componente de antropologia pós - Marc Augé e com mais rigor e detalhe do que as *flâneries* das habituais apologias.

Os *ex-libris* — Das peças arquitectónicas centrais do Chiado faz parte um relevante núcleo de edifícios: o convento do Carmo (actual museu arqueológico) e a seu lado o Palácio Valadares, reconstruído

depois de 1755, onde desde D. Diniz funcionou a primeira universidade portuguesa, depois transferida para Coimbra (e mais perto de nós o Liceu do Carmo e o Maria Amália Vaz de Carvalho, a escola Veiga Beirão). Entre convento e palácio, a passagem para o elevador de Santa Justa, de Mesnier du Ponsard, 1902. E o que resta do antigo convento de São Francisco da Cidade, fundado em 1217, arrasado em 1755, reconstruído a seguir e que depois de sucessivas intervenções ainda alberga as Belas-Artes e o Museu de Arte Contemporânea, e que até 2011 acolheu o Governo Civil e o Comando da PSP de Lisboa: área construída tão vasta que no séc. XIV o povo lhe chamava “cidade de São Francisco”. Depois há o Chiado beato, o das igrejas que viviam sobretudo dos roxos e negros da semana santa e dos ofícios das trevas (Loreto e Encarnação, São Roque, Sacramento, basílica dos Mártires). Ouçamos o que dele disse Cesário Verde em *Noite fechada*, misturando-o com o da estátua de Camões:

“Duas igrejas, num saudoso largo,
Lançam a nódoa negra e fúnebre do clero:
Nelas esfumo um ermo inquisidor severo,
Assim que pela História eu me aventuro e alargo.
Na parte que abateu no terramoto,
Muram-se as construções rectas, iguais, crescidas;
Afrontam-me, no resto, as íngremes subidas,
E os sinos dum tanger monástico e devoto.
Mas, num recinto público e vulgar,
Com bancos de namoro e exíguas pimenteiras,
Brônzeo, monumental, de proporções guerreiras,
Um épico doutro ascende, num pilar!”



Joshua Benoliel, Chiado, Páscoa de 1907: as devotas vestiam crepes e visitavam sete igrejas.



Benoliel, Ilustração Portuguesa, 1912.



Benoliel e uma florista diante da Igreja do Loreto, 1918.

E, claro, há o Chiado dos teatros (São Carlos, São Luís, Trindade, o desaparecido Gymnasio). E o do Grémio Literário, fundado em 1846 para “a cultura das letras” e que teve como primeiros sócios Alexandre Herculano e Almeida Garrett mas também Mendes Leal, Fontes Pereira de Melo, Rodrigues Sampaio, Rodrigo da Fonseca, Sá da Bandeira, Anselmo Braancamp, e foi desde o princípio um clube masculino. Em 1875 instalou-se de vez no palacete do visconde de Loures, e no fim do século foram redecorados as salas e a varanda aberta sobre o jardim de 1844, viradas para o castelo, a Sé e o rio. E o Grémio também olhou para as artes: em 1912 abriu ali a primeira exposição modernista que Lisboa viu, incluindo obras de Almada Negreiros. Há cenas de *Os Maias* passadas no Grémio, de que Maria Eduarda era vizinha. Mas os estudos queirosianos, que se cruzam com a chiadologia, considerariam o Chiado também presente em *O crime do Padre Amaro*, *O Primo Basílio*, *A Capital*, *A correspondência de Fradique Mendes*, *A Tragédia da Rua das Flores*.

Indispensáveis, os cafés: o desaparecido *Marrare* de 1820, frequentado por Herculano, Garrett, José Estevão, Passos Manuel, de que Bulhão Pato disse ser o ponto de encontro dos elegantes da cidade e onde o café era servido por empregados de libré e em cafeteiras de prata; *A Brasileira*, remodelada em 1908, frequentada pelos “*poetas luaricos*” que lançariam o *Orpheu* em 1915 e que desde 1925 mostrou pintura nas suas paredes; frequentaram-na Fernando Pessoa, Almada Negreiros, Santa-Rita Pintor, Pacheko, Abel Manta; a *Bénard*, de 1902, segunda versão de uma pastelaria inaugurada no Loreto em 1868, que até à Segunda Guerra foi sobretudo lugar de encontro de senhoras chiques e que ainda serviu o banquete da visita de Isabel II a Portugal em 1957; as saudades da *Ferrari*, de 1827, que ardeu no incêndio de 1988; e o caso de sucesso, que se mantém, da *cervejaria da Trindade*, construída em 1836 nas ruínas do convento homónimo. Durante todo esse tempo, os elegantes frequentavam os cafés, as elegantes as pastelarias. Foi preciso esperar pelo fim da Segunda Guerra para ver uma portuguesa sentar-se na *Brasileira*, embora as fugitivas da Europa de Hitler, em trânsito para a América, já fumassem nas esplanadas do Rossio.



Fotógrafo desconhecido. Tertúlia na *Brasileira*, 1928. O *Marrare do Polimento* “pelos meados do séc. XIX”.

Indispensáveis também as livrarias: a *Bertrand*, de 1732, hoje a mais antiga do mundo em actividade e que a geração de 1870, de Oliveira Martins a Antero de Quental e a Ramalho Ortigão, frequentou como Herculano ali frequentara as tertúlias diárias, um hábito que Aquilino, Namora, Urbano, Cardoso Pires, irregularmente mantiveram; o Chiado da *Bertrand* foi também o dos “vencidos da vida”. E a hoje insolvente *Sá da Costa*, de 1943 mas herdeira de uma história que vinha de 1876 e do Poço dos Negros. E as da rua do Carmo e da rua Nova do Almada, a *Portugal*, de 1941 (onde também conversaram Namora, Urbano, Armindo Rodrigues, Jaime Cortesão e Aquilino), a *Ailland & Lellos*, de 1931, e a *Férin*, geneticamente francesa, de 1840. E, como o tabaco sempre acompanhou livros e tertúlias, a *Casa Havaneza*, de 1865, fundada por dois belgas de Antuérpia.

Num extremo do bairro, perto da Baixa (mas ainda será Chiado?), o Tribunal da Boa-Hora, de má memória porque ali se fizeram muitos dos vergonhosos julgamentos políticos durante o salazarismo.

O caso da *cervejaría da Trindade* é paradigmático da sucessão de metamorfoses e remodelações de muitos estabelecimentos da zona: Em 1836, dois anos depois da extinção das ordens religiosas e da nacionalização dos seus bens, é construído o actual edifício, cuja fachada é decorada com materiais recuperados da demolição parcial do

antigo convento, e ali se instala uma fábrica de cerveja, onde em 1840 abre o primeiro balcão de venda directa ao público. Em 1863, o antigo refeitório do convento é redecorado com elementos maçónicos e o espaço ganha uma sala contígua. Mas só a partir de 1946 novas obras alargam o espaço da cervejaria à antiga igreja e à antiga fábrica cervejeira, e Maria Keil decora os novos espaços com mosaicos modernistas.

Estamos talvez a ver esse fenómeno tão caro a Ballester como a Agostinho: a fusão dos tempos tornando-se paisagem, os tempos convergindo em espaços e lugares, a longa duração tornada presente fruível sem dispensar a memória e a anamnese.

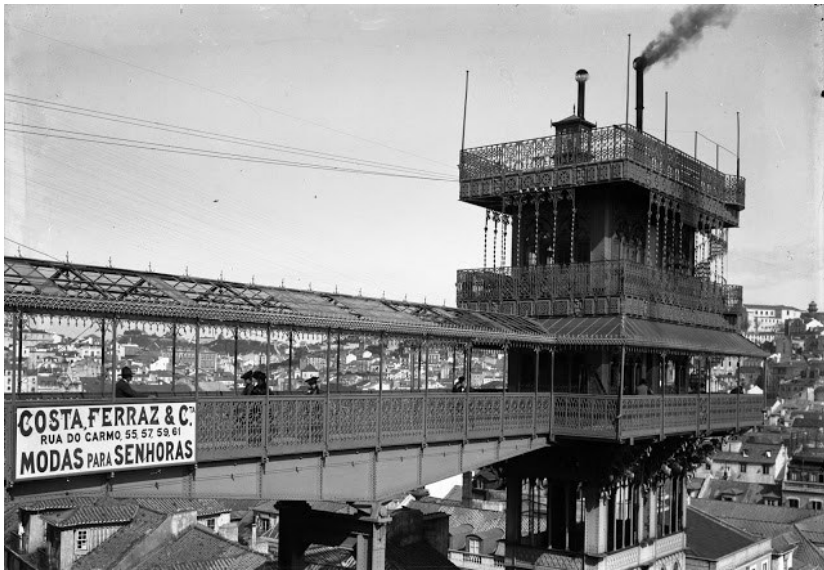


Entre os marcantes *habitués* do Chiado: Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz, Fernando Pessoa.

Imagens documentais — Disse-o Malraux antes de outros no seu *Les voix du silence*: o gótico foi moderno no séc. XIII, como as cariátides o tinham sido no século de Péricles. A Lisboa pombalina, a Baixa-Chiado em primeiro lugar, foram hiper-modernas em 1800, representando um novo conceito de arquitectura e de urbanismo. Mas a Baixa-Chiado não é um objecto que possa levar-se para o museu: é uma área urbana que pode ela mesma tornar-se parcialmente museu, misturada com as reconversões e metamorfoses que nela ocorreram até aos dias de hoje.

Seria, por exemplo, interessante coleccionar imagens fotográficas e imagens em movimento do Chiado de sucessivas décadas, tentando datá-las com rigor suficiente, e, sempre que possível, identificar os seus autores. Um tal acervo imagético teria a vantagem de mostrar com clareza as mudanças dos estilos icónicos das personagens, do tráfego automóvel ou outro, a permanência e a alteração de fachadas comerciais, etc. Ou seja, seria possível fazer uma foto-história ou uma cine-história do Chiado, que, apesar de antologias pontuais, continua por fazer. Por exemplo, saltariam talvez à vista padrões de “elegância” que só avaliamos de modo impressivo e genérico, sem atenção ao detalhe. Vejam-se as imagens que retratam diferentes épocas da rua Garrett, a “ladeira vaidosa” de Ramalho. Hoje, nos blogues e nos sites da Internet, há centenas de fotografias do Chiado antigo, que enriquecem o acervo imagético do bairro. Mas na maioria dos casos o fotógrafo é desconhecido e a datação das imagens é incerta: trata-se de materiais que precisariam de ser catalogados, cronologizados, agrupados por ruas ou por temas e em função do seu interesse estético e documental.

Também seria interessante fazer uma antologia de textos dos *media* sobre acontecimentos marcantes da vida do Chiado (notícias, crónicas, comentários críticos), para apreciar a provável evolução das linguagens, dos estilos e das abordagens desses acontecimentos, o que daria lugar a uma espécie de mostra de glossários ou de ideolectos epocais, suas normas, convenções, hábitos e preceitos.



Passadiço do elevador de Sta. Justa, 1907. Paulo Guedes, Arquivo Municipal de Lisboa.

Num artigo recente, a conservadora do Museu Arqueológico do Carmo (Pereira, 2015) chama a atenção para a importância de dois documentários de 1930 e 1933, respectivamente *Museu do Carmo* e *Aspectos e Tipos de Lisboa*, o primeiro porque mostra os principais núcleos da colecção ali reunida, o segundo porque tenta organizar um discurso imagético sobre diversos edifícios da cidade, preocupando-se com a sua preservação e salvaguarda patrimonial. Depois, a autora defende “a expressão artística como acto de preservação patrimonial”. Mas já Jean-Paul Colleyn (2004), antropólogo e autor de numerosos documentários, dissera, a propósito da nova relevância do filme na etnografia contemporânea, que, se antropólogos e etnógrafos sustentaram durante décadas um positivismo ingénuo, pensando que o real pode ser mimeticamente re-apresentado por uma tecnologia supostamente neutra de captação de imagens e sons, cineastas como Vertov, Flaherty, Grierson, Vigo, Epstein, Ivens, Rouch, vieram mostrar que o cinema envolve sempre a construção artificial de um

ponto de vista, de algum modo comparável com o que a escrita propõe, mas autónomo desta:

“A este respeito, é preciso emanciparmo-nos dos modelos exclusivos da escrita. Os efeitos de conhecimento não são apenas veiculados pelos conteúdos, são-no igualmente pelos sons, as imagens, as técnicas e o estilo. Como o escritor, o documentarista cuida a sua sintaxe, procura a expressão adequada, trabalha o ritmo, a narrativa, a emoção – numa palavra, o estilo. Realizar um filme documental é uma arte discursiva que implica centenas de opções: escolher na realidade pormenores significativos, deixar outras na sombra, enquadrar, cortar, reagrupar, reestruturar, trabalhar a cor, misturar o som, etc. O realizador mobiliza uma retórica própria, selecciona as personagens e as situações interessantes, respeita a unidade de tempo e de lugar onde se desloca, conforma-se ao realismo de uma crónica ou propõe, nos termos de Eisenstein, uma *montagem intelectual*. O filme e o vídeo são excelentes a mostrar locais, espaços, testemunhos, tomadas de posição, atitudes, interações sociais, fragmentos de vida”.

Chiado e antropologia visual — Vem isto a propósito da importância das imagens, fixas e em movimento, na construção de objectos de conhecimento — por exemplo o Chiado. A fotografia e o cinema, sobretudo na era digital, em que uma câmara pouco maior do que um maço de cigarros pode produzir imagens de qualidade profissional, seriam decerto componentes decisivas da chiadologia que aqui propomos, mesmo — e sobretudo — tendo em conta as três acepções em que se justifica entender uma disciplina próxima, a antropologia visual. Acrescenta a este respeito o mesmo Colleyn:

“A antropologia visual, por seu turno, recobre três tipos de actividade: o inquérito etnográfico fundado no uso de técnicas de registo audiovisuais; o uso destas técnicas como modo de escrita e de publicação; e finalmente o estudo da imagem no sentido largo (artes gráficas, fotografia, filmes, vídeo) enquanto objecto de investigação”.

O mesmo autor salienta que fazer um filme etnográfico, ou um documentário que se reclame da antropologia visual, “não é uma actividade para diletantes, que se faça em complemento, como uma

espécie de acessório destinado a ilustrar uma investigação cujo corpo principal está noutra lado”. E conclui, de modo mais incisivo:

“Hoje, graças, decerto, aos progressos técnicos, quase todos os estudantes de antropologia que preparam o seu primeiro inquérito no terreno tencionam *filmar*, mesmo se não formulam um projecto suficientemente preciso. Infelizmente, o seu enquadramento e formação são largamente deficitários. O ensino de uma cultura da imagem mantém-se sub-desenvolvido, lacunar e marginal, ao contrário do que se passa com os livros”.

Kino Chiado — Uma palavra sobre as aventuras do cinematógrafo no bairro, de que resta no Loreto, por milagre da *Midas*, o salão *Ideal*, a mais antiga sala de Lisboa em actividade, aberta em 1904 (e único cinema que ali sobreviveu, depois do encerramento do *Chiado-Terrasse* e da reconversão do *São Luís*, onde em 1928 estreara o *Metropolis* de Fritz Lang). Pessoalmente, conheci o *Ideal* nos anos 60, como propriedade da Casa da Imprensa, que o geria *tant bien que mal*, sem saber que destino e identidade dar-lhe.

No século do cinema, oito salas, a maior parte delas de vida efémera, chegaram a abrir no Chiado, mas nenhuma delas na rua Garrett, sua coluna vertebral. Em Lisboa, o cinema foi primeiro desconsiderado como divertimento popular, um sucedâneo pobre do teatro. Mas o *São Luís* (então Teatro D. Amélia) mostrou as fotografias animadas do cinematógrafo logo em 1896, dois meses depois da estreia da invenção dos Lumière no Coliseu dos Recreios, em curtas projecções nos intervalos das peças de teatro. E em 1911 abriu no seu jardim de inverno o espaço *The Wonderful*, dedicado ao cinematógrafo. Mas só com a sua reconversão em *São Luís Cine* e com a estreia do *Metropolis*, acompanhado por uma orquestra de quinze músicos que, sob a direcção de Pedro Blanc, executou a partitura original de Godfried Kuppertz (como na estreia de Berlim), o cinema ganhou um público comparável ao da ópera em São Carlos. O *São Luís Cine* rivalizava com o *Tivoli* da Avenida da Liberdade, desenhado por Raul Lino, de 1923, na disputa dos públicos mais ricos: diz França (2015) que o *Tivoli* era “avenidas novas” e o *São Luís* “Lapa”. Em 1930 equipou-se para o sonoro, e perdurou até ao início dos anos 70.



Fotógrafo desconhecido. Carro publicitário do Chiado-Terrasse, 1911.

Eis a lista das salas, algumas efémeras, que exibiram cinema no Chiado: O Teatro D. Amélia (1896), depois Teatro República (1910), depois Teatro São Luís (1918), depois São Luís Cine (1928). O Salão Ideal, no Loreto, (1904). O Salão São Carlos, na rua Paiva de Andrade e o Salão Chiado, na rua Nova do Almada (1907). O Chiado-Terrasse na António Maria Cardoso (1908), cinema de “reprise” que durou até aos anos 70. O Salão Trindade, na rua Nova da Trindade (1909). O Ginásio, adaptado a cinema em 1934, e que durante a Segunda Guerra quase só passou filmes alemães, talvez devido à nacionalidade de Wilhelm Wirges, um dos seus sócios. Esporadicamente, também o Teatro da Trindade mostrou filmes (1913).

O incêndio — Por tudo isto o Chiado é há duzentos anos a aldeia cultural e comercial mais *blasée* da capital, ainda dotada de uma capacidade de rejuvenescimento e de actualização que lidera a “reabilitação urbana” de alguma Lisboa. Mas a actual renovação-reabilitação deve-se em grande parte à catástrofe que foi o incêndio de 25 de Agosto de 1988, que devorou 18 dos seus edifícios e danificou

outros. Arderam o *Grandella*, de 1907, os *Grandes Armazéns do Chiado*, de 1894, a charcutaria *Martins & Costa*, de 1914 e a *Jerónimo Martins*, de 1792, a *Casa José Alexandre*, de 1833, a *Casa Batalha*, de 1635 (a mais antiga casa comercial do país), a *Perfumaria da Moda*, de 1909, a *Ferrari*, de 1827, o *Último Figurino*, a loja de discos da *Valentim de Carvalho* e o seu arquivo histórico.



Imagem geral do incêndio do Chiado cerca das sete horas da manhã, hora e meia depois do início da intervenção dos bombeiros.



Imagens do incêndio do Chiado. © Alfredo Cunha, Rui Ochoa, Fernando Ricardo e José Carlos Pratas.

O incêndio começou antes das 5 horas da madrugada no *Grandella*, e os bombeiros tiveram dificuldades de acesso porque o presidente da câmara, Nuno Krus Abecasis, tinha autorizado a instalação de canteiros de betão rua do Carmo acima, o que impediu os carros de a praticarem. Muitas bocas de incêndio não funcionavam, e mangueiras rotas desperdiçavam água. Meios aéreos terão sido disponibilizados para o combate às chamas às 7 da manhã, mas, a acreditar em Eurico de Melo, vice-primeiro-ministro da altura, os bombeiros dispensaram-nos e não chegaram a ser utilizados (leiam-se os relatos da imprensa desses dias). François Mitterrand, presidente francês, veio de propósito a Lisboa, na manhã em que o Chiado ardia, para dar um abraço enlutado ao amigo Mário Soares, seu homólogo português, e referiu-se ao incêndio como uma catástrofe nacional (Braga, 2013). Muitos pensaram na altura que o Chiado não sobreviveria, e que a memória do romantismo e da *belle époque* lisboeta ficaria irremediavelmente mais pobre.

Acrescente-se que nos últimos anos antes do incêndio o Chiado declinara, enfrentando mal a concorrência de polos comerciais mais atractivos, sobretudo a do então novo *shopping center* das Amoreiras, inaugurado em 1985.

Entra Siza — A ressurreição da área sinistrada foi encomendada a Siza Vieira, encarregado de redesenhar os prédios a reconstruir e de criar, neles e entre eles, novas passagens, espaços públicos e comerciais. O Metro associou-se-lhe depois com a nova estação Baixa-Chiado, aberta em 1998. Os trabalhos duraram toda a última década do séc. XX. Lembrava Kátia Catulo no *Diário de Notícias*, em Agosto de 2008:

“Poucos sobreviveram a uma década inteira de escavações, de abrir e fechar ruas e calçadas, de poeira a infiltrar-se nas fendas das portas e das janelas, de barulho das retroescavadoras e de martelos pneumáticos: (...) A *Versace* fechou, a *Pompadour* também, a *Única*, a *Sopal* e outras tantas lojas desistiram”.

Uma vez concluídas, porém, as obras deram os seus frutos, oferecendo ao actual Chiado um novo fôlego comercial expresso no *essor* dos últimos anos: marcas internacionais, *franchisings* vários, lojas de

referência, novos cafés e restaurantes, entraram na corrida para disputar os rés-de-chão do bairro, emulando o quilómetro mais caro da cidade — a Avenida da Liberdade. Também nos andares residenciais, o metro-quadrado de Siza Vieira é o mais caro de Lisboa.

A Câmara criou um fundo para a recuperação do Chiado e o seu remanescente foi mais tarde estendido à reabilitação de numerosos prédios. Mais de 60 candidaturas foram apresentadas, que deram lugar a intervenções em mais de metade desse número (entre elas, a feita no Grémio), também ao abrigo de programas como o “Chiado com cor”. Quando foi apresentada à UNESCO a candidatura da Baixa pombalina a património mundial, o Chiado beneficiou de lhe ser adjacente e de obedecer, no essencial, à mesma traça arquitectónica e urbanística.

No que toca aos projectos de Siza falta ainda, em 2015, terminar os terraços do Carmo (obra que teve conclusão prevista para 2009), que ligarão a Rua do Carmo às traseiras do Convento, do quartel da GNR (que tem o seu quinhão na nossa memória porque foi ali que Marcelo Caetano entregou o poder a 25 de Abril de 1974) e do Palácio Valadares. O projecto incluirá rampas, escadas, patamares ajardinados com bancos, um lago (que ali existiu no séc. XIX) e uma cafetaria. Também se poderá aceder aos terraços pelo Museu Arqueológico — um elevador ligá-lo-á à projectada cafetaria. Outro elevador (o do edifício *Leonel*, na Rua do Carmo) dará acesso à porta sul da igreja. As escavações feitas para pôr à vista os alicerces do convento revelaram que o edifício gótico (único em Lisboa) era originalmente mais imponente do que ainda hoje parece, mas também mostraram a existência de uma capela posterior e de ossários, numerosos artefactos cerâmicos e outras peças que estiveram escondidas durante sete séculos.

25 anos depois — Em 2013, a Verbo editou o *Chiado em Detalhe*, de Siza Vieira, onde a reconstrução é abordada a partir do *Plano de Pormenor para a Recuperação da Zona Sinistrada* e das opções técnicas subsequentes. O livro contém numerosos esboços e desenhos do arquitecto, que revelam o seu método de trabalho. E, numa entrevista concedida a Jorge Figueira (*Público*, 25.8.2013, nos 25 anos do

incêndio), Siza fez um balanço da reconstrução:

“O Chiado já não é Baixa, [mas] está [em relação a ela] numa dependência, numa continuidade evidente. Tirando os dois grandes edifícios, o *Grandella* e os *Armazéns do Chiado*, a arquitectura, mesmo a feita no princípio do século XX, é pombalina. (...) E a Baixa, para mim, é um grande edifício pré-fabricado e assim foi feito. Os elementos eram feitos fora de Lisboa (janelas, guardas, enfim, todos os elementos arquitectónicos) e trazidos à medida que eram necessários para esta ou aquela unidade. (...) É um enorme edifício pré-fabricado, com uma grande unidade, de resto desenhada”.

Quanto à nova estação da Baixa-Chiado, diz ali Siza:

“Foi uma (...) grande sorte. O metropolitano já tinha decidido fazer aquela ligação, que depois vai por aí fora até ao rio. O traçado da linha já estava feito. O que foi possível, na existência disso, foi negociar com o metropolitano a saída para o Chiado. (...) O que se propôs foi a saída na rua do Crucifixo e, também, isso era já propósito fixo do metropolitano, em frente à Brasileira, no largo do Chiado. (...) A rua do Crucifixo, que era uma rua de serviço, uma rua pobre (...), passa a ser a rua por onde se entra e sai do Chiado”.

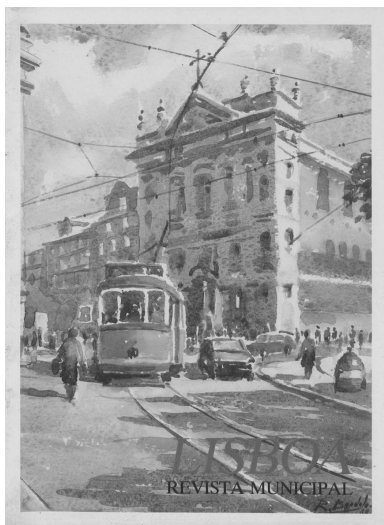
E sobre as diferenças que o projecto introduziu na malha existente antes do incêndio, acrescenta ainda o arquitecto:

“Há uma escada nova que desce para a rua do Crucifixo que se calhar existiu, porque o que se descobriu com o incêndio é que a largura daquela escada estava ocupada pelos *Armazéns do Chiado*, mas era um acrescento (...). Essa ligação tem muitas consequências porque prolonga as escadinhas de São Francisco, com uma ligeira torção. Outra (...) será a ligação ao convento do Carmo. (...) Quando andava a passear no meio daqueles escombros, logo a seguir ao incêndio, vi lá em cima a porta sul da Igreja do Carmo. (...) Vi uma descida por ali, umas escadas e tal (...). Há uma espécie de inércia do território, de persistência (...). É o que acontece na formação detectivesca do arquitecto, que é necessária”.



Pessoa na Brasileira. ©Público/Miguel Manso.
A Páscoa de 1907 na Rua Garrett vista por Benoliel.

O ano do incêndio foi também o da instalação, na esplanada da *Brasileira*, da estátua de Pessoa feita por Lagoa Henriques, inspirada no bronze do mesmo escultor que representa António Aleixo e que está em Loulé. À arte pública do Chiado veio assim juntar-se uma peça que na altura gerou polémica mas se tornou num *gadget* junto do qual os turistas se fazem fotografar, sentados à mesa do poeta. Lembra José Pedro Regatão (2015), citando Maria João Guardão (1988) que, participando em Paris no centenário do nascimento de Pessoa, Eduardo Lourenço, Fernando Pernes, Rui Mário Gonçalves, Fernando Azevedo, Maria João Fernandes e José-Augusto França assinaram um protesto contra “a ideia obscena e ridícula de instalar à porta da *Brasileira* a estátua em bronze do poeta” e exigiram que esta dali fosse retirada “por razões de decência intelectual e pública”. Lagoa Henriques explicou que lhe pareceu necessário “fazer a escultura descer do pedestal e aproximá-la das pessoas” (Féria, 1989).



O Largo das duas igrejas, aguarela de Real Bordalo. *Uma Lisboa inacabada*, Paulo Ossião.



Pete Scully, *Exploring Chiado*; *A Brasileira*, 2011, <http://petescully.com/tag/chiado>.



O novo Chiado visto pelo *urban sketcher* Ricardo Cabral. Disponível na url: http://www.geografia-ensino.com/2014_01_01_archive.html .

O discreto Wilmotte — Uma instituição que tem a sua ressurreição ligada ao incêndio de 1988 é o Museu Nacional de Arte Contemporânea, actual Museu do Chiado, criado em 1911 e que então herdou as colecções e reservas do Museu de Belas-Artes posteriores a 1850 (as anteriores foram para o Museu de Arte Antiga). Instalado no convento de São Francisco, com entrada pela rua Serpa Pinto, teve ao longo do século uma existência irregular, sob as direcções de Columbano Bordalo Pinheiro, Sousa Lopes e Diogo Macedo, que em 1945, depois de obras profundas, o abriu diariamente ao público. Muitas vezes acusado de conservador e anti-modernista, o museu sobreviveu mal às críticas que o acusavam de desactualizado e passadista.

Em 1987 António Lamas, presidente do Instituto Português do Património Cultural, mandou-o encerrar compulsivamente “pelo estado degradante das suas colecções e reservas” (Pomar, 1994). No ano seguinte, no dia do incêndio, os haveres do museu foram por precaução levados para a cidadela de Cascais, porque chegou a temer-se que as chamas o atingissem. Mas então o governo francês ofereceu um projecto de regeneração dos seus espaços, da autoria de Jean-Michel Wilmotte, que em obras de 1993 lhe deu o seu aspecto actual (desde a reinauguração em 1994, sob a direcção de Raquel Henriques da Silva, com o nome de Museu do Chiado): o de uma preciosa arquitectura que por si só vale uma visita. O edifício, néo-moderno, manteve e recuperou parte da construção anterior, por exemplo a parede dos fornos, datada de quando ali esteve instalada uma fábrica de bolachas. O grande átrio de entrada é definido por dois pilares de lioz que sustentam uma abobadilha de seis panos.

A cafetaria do jardimzito do museu é um dos refúgios do Chiado, não longe das actuais duas esplanadas do largo do Picadeiro. No restaurante de esquina com a travessa dos Teatros, o *Café no Chiado*, esteve nos anos 60 a livraria *Moraes*, uma das melhores que o país teve, ligada ao grupo de “católicos progressistas” formado em 1958 e que em 1963 criou a revista *O Tempo e o Modo*, inspirada na *Esprit* francesa, no personalismo de Emmanuel Mounier e no novo vento reformador do Vaticano II. A sua primeira série, até 1967, foi decisiva porque abriu a Igreja ao contacto com opositores do regime. A segunda, a

partir de 1969, tornou a revista em porta-voz de uma das seitas maoístas entretanto surgidas na universidade.



Hall do Museu. © DGPC.

Uma nota pessoal: nesses anos 60 (os anos do concílio: 62-65), eu costumava ir ver o que havia de novo na *Valentim de Carvalho*, tomava café na *Bénard*, demorava-me pouco na *Sá da Costa* e muito na *Moraes*, espreitava os cartazes do *São Luís* e do *Chiado-Terrasse*, cuspiam no chão a uns metros da PIDE, descia para a Baixa com outro café tomado na *Ferrari*, espreitava a *Férin* mais pela sala do que pelos livros e rosnava diante da Boa-Hora antes de regressar a casa, ao Bairro Azul. Na segunda metade desses anos, o bairro tornou-se lugar de fuga na ressaca de manifestações de rua que tinham lugar sobretudo na Baixa, quando não terminavam com uma noite passada no pátio do Governo Civil. Mas em 1968 entrei “para os jornais” desejoso de estar em Paris (Portugal era uma prisão para quem então tinha 20 anos) e meses

depois evadi-me para o *Royaume de Belgique*, que era na altura uma espécie de asteróide do *Petit Prince* e onde fiquei seis anos. Até ao 25 de Abril de 1974 nunca pensei que voltaria à Baixa, ao Chiado, a Lisboa ou ao país.

Nascido do terramoto — Surpreendente, a actual ressurreição de um bairro nascido de outra catástrofe de excepcional magnitude, o terramoto de 1755, sismo de 8,5 ou 9 graus na escala de Richter, seguido de *tsunami* e de numerosos incêndios, que destruiu grande parte da cidade e terá feito entre dez mil e trinta mil mortos. No Chiado, arrasou quase todo o edificado anterior, desde a Idade Média dominado por conventos e igrejas. Como diz Margarida Calado (2015):

“O Chiado, durante séculos, foi território de conventos: São Francisco (1217), Trindade (1294), Oratorianos de São Filipe Néry (1668-74), Eremitas descalços de Santo Agostinho (1633)”.

Sobre o Chiado anterior ao terramoto, leia-se especialmente Irisalva Moita (1988), que descreve com pormenor a história e a vida das instituições, palácios e conventos que o tornaram numa zona rica, prenunciando o êxito da reconstrução que, no séc. XIX, o transformou. Mas a autora salienta, polemicamente, que

“... a força do quotidiano vivido no local, empolado por uma literatura que quase o tornou lendário, apagou uma arquitectura pouco acima do banal e subverteu um contexto urbanístico não delineado por artista ou imposto por qualquer decisão real, mas que se rasgou, espontaneamente, através de pedreiras e socalcos (...). Os próprios arquitectos pombalinos pouco mais fizeram do que regularizar uma grelha pré-existente”.

De facto, o terramoto de 1755 e a posterior extinção das ordens religiosas (1834) mudou tudo. O Chiado que conhecemos nasce do terramoto e renasce do incêndio de 1988. É um bairro vindo de duas catástrofes de magnitude desigual e separadas entre si por mais de duzentos anos.

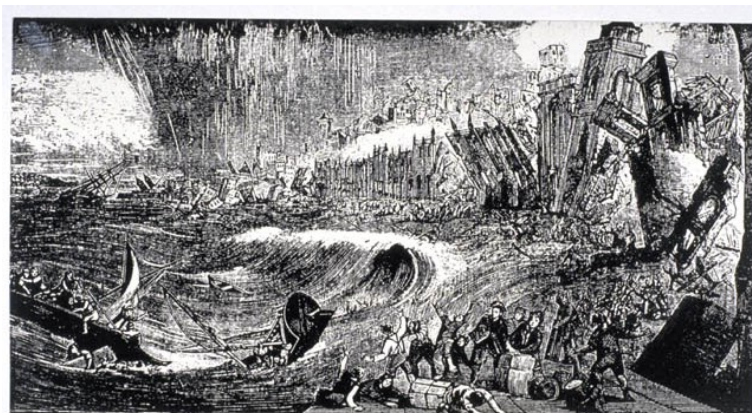
Atrás evocámos Siza recordando que o actual Chiado vem da reconstrução pombalina da cidade. Faltou dizer que, apesar de relativamente rápida, essa reconstrução entrou profundamente pelo

séc. XIX, o que não se estranhará se pensarmos que o Rossio só ficou pronto em 1840 (mas mais de metade da Baixa estava reerguida em 1777). Na edificação do Chiado foram genericamente adoptados os princípios do plano de 1758 (de Eugénio dos Santos e Carlos Mardel, na sequência das dissertações doutrinárias de Manuel da Maia), mas os trabalhos começaram mais tarde do que na Baixa, em 1780, e algumas das austeras tipologias da Casa do Risco criada por Pombal sofreram ali alterações, por exemplo no que respeita aos três tipos de fachadas que José-Augusto França classificou em A, B e C, em função da hierarquia das ruas (ver «O design das fachadas do Chiado», editado pela EkoArkitekt.com). Recorda Walter Rossa, no seu artigo «Do plano de 1755-1758 para a Baixa-Chiado» (2004):

“Foi na *Parte Terceira* do seu relatório, subscrita a 31 de Março de 1756, que (...) Manuel da Maia introduziu as primeiras quatro hipóteses desenhadas para reflexão sobre a reconstrução da *cidade baixa*. Curiosamente, em todas, o perímetro da intervenção incluía já a resolução da transição entre a Baixa e o Bairro Alto ao longo do Chiado (às Portas de Sta. Catarina), sendo comum aos desenhos a valorização morfológica dada à via que hoje é a rua Garrett e os dois



acessos que, no nó do Espírito Santo (Armazéns do Chiado) a ligam ao Rossio e à zona do destruído paço (actual praça do Município)?”.

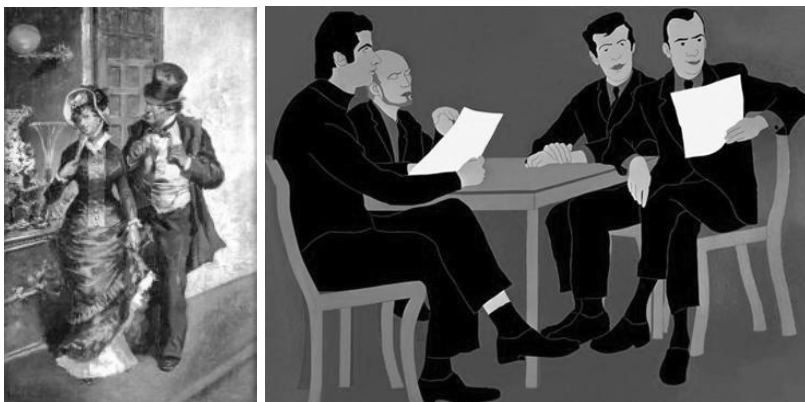


O terramoto de 1 de Novembro de 1755 em três gravuras da época.

Raquel Henriques da Silva (2008) propõe, para caracterizar a tardia reconstrução do Chiado, o conceito de “segundo pombalino”, dada a relevância das alterações ali adoptadas, quer nas fachadas e nos interiores dos prédios de quarteirão, quer sobretudo nos casos dos “prédios-nobres de aluguer”, ou dos encomendados para habitação dos proprietários, por vezes soltos da malha inicialmente prevista e que se tornam “casas-nobres” com ou sem jardim:

“No caso do Chiado, ao longo dos eixos da Rua das Portas de Santa Catarina (actual Rua Garrett) e Rua Larga de S. Roque (actual Rua da Misericórdia), Manuel da Maia previra a edificação de ‘casas-nobres’ a que se permitiria algum enriquecimento das fachadas, nomeadamente nos ‘portais’. No entanto, a investigação que realizei (...) permite considerar que as particularidades da edificação desta zona foram mais profundas, determinadas desde o loteamento cujas dimensões, se chegou a ter norma, acabou por se conformar aos interesses dos edificadores. Este facto, bem como a ultrapassagem do modelo previsto para as fachadas de cada rua, através do seu enriquecimento decorativo, que é determinado pelo gosto do proprietário, conduziu-me a propor o conceito operativo de ‘segundo pombalino’”.

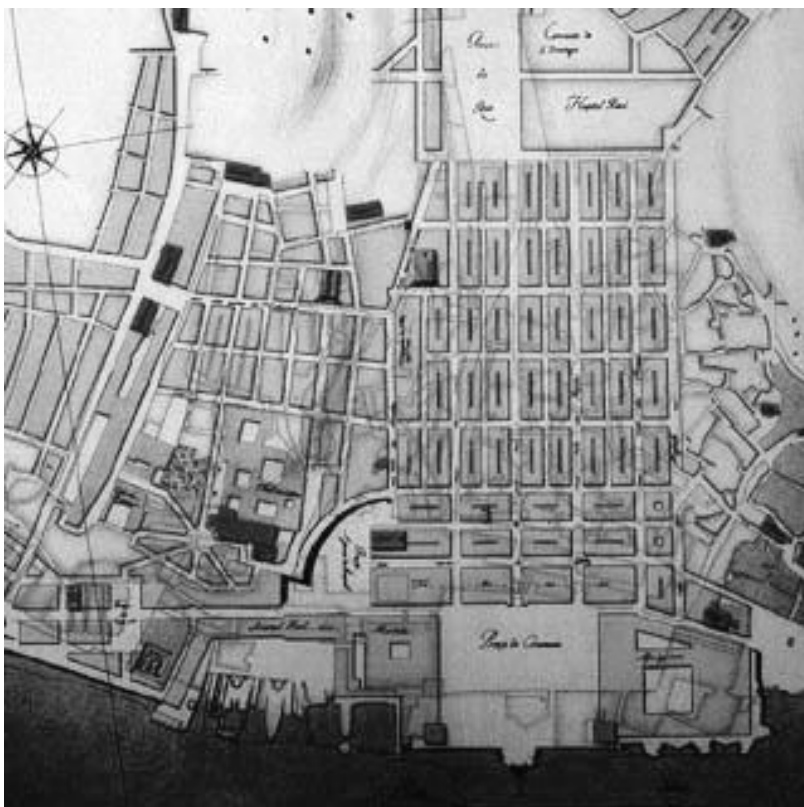
No Chiado, os prazos da reconstrução foram sendo alargados e, com o tempo, alguma aristocracia e uma nova burguesia ascendente encomendou casas de rendimento e outras que, num caso ou noutro, se aproximavam do palacete ou do *palazzo* com elementos barrocos e rococó. A vitória liberal na guerra civil levou em 1834 à extinção das ordens religiosas em Portugal e à nacionalização dos seus bens. O património de ordens masculinas e seus conventos foi então parcialmente demolido, distribuído, transaccionado, atribuído a novas funções laicas, o que teve, também ali, consequências irreversíveis. Cem anos depois do início da reconstrução, o bairro já era, apesar do seu provincianismo, o coração cosmopolita e *dandy* da cidade de Eça, a “capital de Lisboa”. E o fenómeno começara bem antes, com o *Marrare*, o umbigo do mundo da geração Garrett.



Columbano, *Passeio no Chiado*. Nikias Skapinakis, *Para o estudo da melancolia em Portugal – Retrato dos Críticos*, 1971 (col. Brasileira).

Sobre a reconstrução da cidade, a primeira obra de referência foi a dissertação de doutoramento de J.-A. França (1962), *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*, que chamou a atenção de especialistas estrangeiros para o novo urbanismo português. Para uma percepção sintética mas muito documentada do que foi essa empreitada de décadas, veja-se, do mesmo autor, *A Reconstrução de Lisboa e a Arquitectura Pombalina* (1977), hoje disponível em edição digital, de onde ressaltam os dois princípios básicos da nova arquitectura: a estandarização e a pré-fabricação, ao serviço da quadrícula ortogonal das ruas entre o Terreiro do Paço e o Rossio.

De resto, é muito extensa e rica a documentação da época, das dissertações iniciais de 1755-1757 aos mapeamentos e traçados das sucessivas gerações de arquitectos da Casa do Risco. É possível estudar, nos documentos conservados, a filosofia, a nova ideia urbanística, as preocupações com a higiene pública, as inovações técnicas, a urgência e a extensão da gigantesca tarefa. Foi levantada uma cidade nova, moderna, que disputava em inspiração e desígnio outras reconstruções em cidades europeias, sobretudo a de Londres depois do incêndio de 1666.



Eugénio dos Santos e Carlos Mardel, plano parcial da reconstrução de Lisboa.
Pormenor incluindo a Baixa-Chiado (1755-1758).

Para os reconstrutores pombalinos da Baixa-Chiado de finais do séc. XVIII, a zona configurou a seu modo uma utopia – tratava-se de criar uma cidade nova, europeia e iluminista, cuja arquitectura e projecto urbano pedissem meças às mais bem desenhadas metrópoles estrangeiras. Nesses mesmos anos, a construção do São Carlos afastou-se dos traçados dominantes da Casa do Risco e introduziu a ideia do edifício que gera o seu largo. A vontade de emular ou ultrapassar experiências estrangeiras de reconstrução urbana, associada à magnitude e à urgência da tarefa, deu a essa geração de arquitectos e de engenheiros de origem sobretudo militar o carácter de

refundadores, que materializavam, depois do pesadelo da destruição, um sonho de redenção.

No caso do Chiado, a recomposição da população residente, a abertura de novos comércios na vizinhança da Ópera, a importância crescente dos cafés enquanto espaços de socialização de elegantes, literatos e artistas, cedo terão gerado uma imagem de nova centralidade da zona, caracterizada por uma relativa boémia e por consumos abastados. Os sucessivos tropismos do bairro, marcados pelo progresso da construção e pela sucessão de lojas que passaram a demandar o seu espaço, criaram hábitos e memórias que confirmavam a concretização da utopia: Lisboa renascia de facto, em novas vestes e com novas rotinas até ali desconhecidas da sua vida social. A nossa *chiadologia* também poderia ser uma *chiadotropia*. E a utopia desdobrava-se em fantasma, em desejo a um passo da sua satisfação. Entre os românticos e os realistas, entre os liberais e os republicanos, o Chiado conheceu ao longo de todo o séc. XIX as metamorfoses e tropos que acabaram por sedimentar o seu carácter. Românticos e realistas, liberais e republicanos representaram, também eles, as utopias do século, nas suas dimensões poética e literária, ensaística, doutrinária, política.

O mapa e o território — Mapear os limites precisos do bairro é uma tarefa para os estudiosos da chiadística ou da chiadologia a que aqui aludimos. Dois desses limites são muito claros, os definidos pelo Bairro Alto e pela Baixa, sendo aqui a fronteira estabelecida pelas ruas do Carmo e Nova do Almada. Desce-se para o Chiado, vindo do Príncipe Real, por São Pedro de Alcântara, tendo à direita o Bairro Alto, mas o Chiado começa onde?

No largo Trindade Coelho (igreja de São Roque, Misericórdia) já lá estamos. Quando descemos a Misericórdia, temo-lo à esquerda e em frente. E “subir o Chiado” é um percurso que se começa ora no Rossio pela rua do Carmo, ora, mais perto do rio, pela calçada de S. Francisco e a Vitor Cordon ou pela rua Nova do Almada, para chegar à rua Garrett (antiga rua do Chiado e mais antiga rua Direita das Portas de Santa Catarina), sua espinha dorsal, que sobe até aos largos do Chiado e de Camões (a Porta de Santa Catarina ficava no Loreto). Se a mancha chiadista tem fronteiras em São Roque e nos claros limites do

Bairro Alto e da Baixa, esboroa-se em torno do elevador da Bica e em Santa Catarina. Descendo da Horta Seca, será a rua da Emenda, a do Ataíde e o troço final da do Alecrim outra fronteira? Nesse caso, o limite inferior do Chiado são os Ferragiais. Tempos houve em que o Carmo e a Trindade, no cimo do Chiado, dele se distinguiram. Hoje, porém, são parte integrante da zona. Por alguma razão J.-A. França (2015) diz do bairro:

“Na rua inteira que foi o Chiado, e era em 1859 das Portas de Santa Catarina que ao alto tinham existido e passou a ser, em 1880, do Garrett, sem que o seu nome inicial se perdesse na memória lisboeta, e a ponto de, em 1925, vir ao tradicional Largo das Duas Igrejas que lá estão, recebendo, por confirmação, o monumento do poeta popular e chocarreiro que lhe está provavelmente na origem toponímica...”

De resto, França hesita como nós, não querendo esmiuçar:

“Fiquemos por estas imediações do Chiado, que vão a caminho dos Ferragiais ou descendo ao Pote das Almas, ou indo para o Calhariz e subindo à Trindade. Estes os limites da zona...”

Um *zeitgeist* europeu — O Chiado pede hoje que o tornem mais pedonal, porque o tráfego automóvel o caotiza durante o dia. Tornou-se um *must* para o turismo que descobriu Lisboa no séc. XXI e que pôs a cidade “na moda” (três milhões de estrangeiros em 2013, a começar por espanhóis, franceses, brasileiros, italianos e britânicos, quase 587 milhões de euros de receitas nesse ano).

Aos seus *habitués*, ele oferece, nas primeiras horas da manhã e depois do cair da noite, uma atmosfera ainda recatada. Essa atmosfera não depende propriamente de um *genius loci*, de um espírito do lugar: resultará porventura da narrativa palimpséstica que conta a história do bairro e das épocas que nele se sucederam, do protagonismo relativo de alguns dos seus edifícios, dos seus altos e baixos, do renascimento comercial das transversais que durante décadas pareceram paradas no tempo e da memória de uma intelectualidade morta, mas pertencente a um *etos* romântico que ainda não se exauriu inteiramente.



Rodagem de *Os Maias*, de João Botelho, 2013.

Quando, ainda ontem, João Botelho filmou *Os Maias*, desistiu da ideia de recriar em imagens reais o Chiado de 1888, usando dispositivos digitais para limpar as ruas da sua contemporaneidade ou tentando filmar exteriores em lugares limitados e pré-escolhidos. Em vez disso encomendou ao pintor João Queirós grandes telões que em estúdio reproduzissem artificialmente os exteriores de época, o que deu ao filme uma dimensão assumidamente operática, teatral. Esta opção exprime a dificuldade de transpôr o Chiado dos nossos dias para o dos últimos anos do séc. XIX, uma das suas épocas áureas. Os constrangimentos financeiros acabaram por induzir uma opção estética que marca o filme, sendo que, na sua promoção, os telões de João Queirós animaram o bairro, temporariamente expostos como objectos de arte pública, numa curiosa interacção entre cinema picturalista e intervenção pictórica num centro urbano actual.

Que o Portugal de Eça deitasse luz sobre o actual, eis o que Botelho pediu ao texto de 1888: com o país (um “chiqueiro”, uma “choldra”) à beira da bancarrota e enquanto mais um governo cai, um guinhol de herdeiros vivendo “no tédio do ócio” suscita adultérios e discute política, literatura, mulheres e bricabraque entre almoços em hotéis, saraus burgueses e escapadas a Sintra, vai à ópera ao São Carlos, deambula pelo Chiado e *flirta* (verbo inventado por Garrett) no hipódromo de Belém. Mas em 1891 a dívida interna e externa portuguesa atingiu os 127 mil milhões de libras, a bancarrota chegou em 1892 e o país, sem conseguir renegociar a dívida, contraíu em 1902, após dez anos de negociações falhadas com os credores, um empréstimo que só acabaria de pagar, pasme quem pasmar, cem anos depois, em 2001. À distância de 126 anos de *Os Maias*, a ironia de Eça face ao tosco cosmopolitismo do Chiado e a sua descrença no futuro nacional recaem, pela mão de Botelho, sobre o actual país da *troika* e do pós-*troika*, sobre a mediocridade das suas elites e sobre a ausência de um “verdadeiro” projecto de redenção. Eis para o que a nossa chiadologia também serviria — para propor espelhamentos comparatistas e para reaprender o presente no passado, se é que tal operação é alguma vez possível.

E quando, no *Livro do Desassossego*, Pessoa refere (na pele de Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa) os “pobres diabos” que se pavoneiam nas esquinas, fala de personagens de *circa* 1930 que ainda têm muito em comum com os Dâmasos de Salcedo do Eça de *Os Maias*, de quarenta e poucos anos antes:

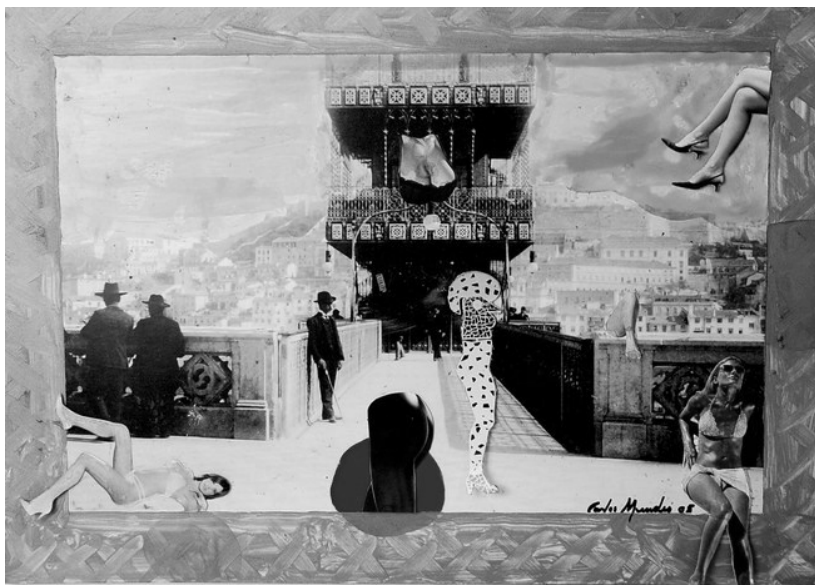
“...Os que são amantes de senhoras de título, ou muito conhecidas (são, aliás, quasi todos), fazem um tal gasto de condessas que uma estatística das suas conquistas não deixaria serias e commedidas nem as bisavós dos títulos presentes. Outros especializam no conflito physico, e mataram os campeões de box da Europa numa noite de pândega à esquina do Chiado” (p. 78). “Uns são heroes e prostam cinco homens a uma esquina de hontem. Outros são seductores e até as mulheres inexistentes lhes não ousaram resistir” (p. 133).

Sonho, decerto — Cada uma das instituições que aqui mencionámos — o convento do Carmo, as igrejas, os teatros, as belas-artes e o museu de arte contemporânea, o grémio, os armazéns, os cafés, as

livrarias, algumas das lojas do restante comércio, justificam, cada uma *de per se*, uma memória monográfica própria. E esse trabalho está, em boa parte, feito, embora disperso por *memorabilia* que lhes dão protagonismo mas não as integram no todo da história a que pertencem. Certo é que a redescrição do bairro por uma chiadologia envolveria a história, senão da totalidade dos edifícios que o compõem, pelo menos de metade deles. Seria decerto trabalho, não para um investigador isolado, mas para um grupo de investigadores de diversas especialidades. E seria também um projecto multi-suportes, que poderia publicar grandes álbuns ilustrados, editar filmes, produzir materiais para as novas plataformas digitais, fazendo progredir e inovando dispositivos destas últimas. Um doutoramento, um pós-doutoramento colectivo, temático e aplicado, que envolveria necessariamente um consórcio ou colégio inter-universitário e interdisciplinar? Um projecto de investigação plural, resultante do empenho de diferentes centros? Sonhamos, decerto. Mas tal trabalho poderia ser pioneiro a vários títulos, articulando num só fôlego memórias excessivamente dispersas.

Parte do *glamour* do Chiado diluiu-se na sua recente ressurreição: o mar de turistas invade-o sete meses por ano, a multidão de *comedores* democratiza-o e, em obediência a um novo *zeitgeist* europeu, as novas tribos de pedintes para-circenses animam-no disputando espaços de autonomia para o seu ruído e as suas *performances*. Em tempo de *jihadistas*, alguns de nós, mesmo não vivendo na zona, permanecem brandos chiadistas, redescobrimo os velhos e novos micro-oásis que o bairro continua a oferecer.

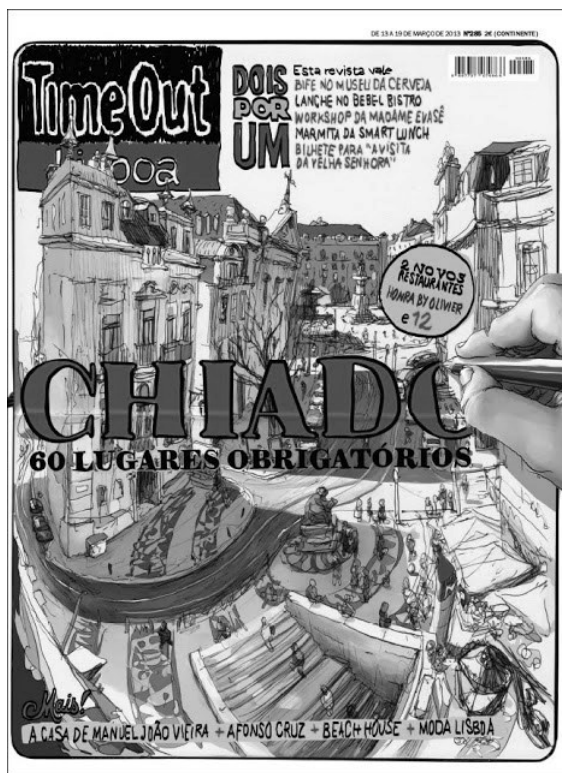
Hoje, até a hotelaria local oferece recantos de excepção: no largo de Camões suba-se até ao terraço-bar das traseiras do *Bairro Alto Hotel*, instalado num edifício de 1845 e onde até 1980 esteve o *Grand Hotel de l'Europe*. Dali disfruta-se de uma vista panorâmica sobre o rio, ocupando o prédio toda a frente do largo entre a rua do Alecrim e a das Flores. Ou, mais abaixo, suba-se ao bar do *Hotel do Chiado*, nos dois pisos de cima do centro comercial que substituiu os *Armazéns do Chiado*, com vista para o castelo e também para o rio.



Carlos Mendes, *Assemblage no Chiado*, 2005.

O Chiado é um dos casos em que o mundo vivido na relativa distração, o *Lebenswelt* alemão na versão *Erlebnis* de Benjamin, se deixa passionalmente afectar, quando o vozeario e as buzinas se calam, pela *melancholia* e o *spleen* ainda baudelaireano, ou talvez por certos matizes da *nostalgia*, ou por aquilo que só os portugueses chamam *saudade*. Esse calar de ruídos é por vezes um reacender de vozes antigas, um convite à *Erfahrung*, a experiência narrativa e reflexiva que se opõe à *Erlebnis*.

E às diferentes anamneses da história e das narrativas do Chiado junta-se em certas noites, certas marés e certo vento, a maresia que até ele sobe do Tejo doméstico, esse *mare nostrum* miniatural feito para o Portugal dos pequeninos e que evoca o outro, muito maior e onde nos perdemos, e ao qual talvez por isso virámos costas.



Time Out Lisboa, 13 a 19 de Março de 2013, capa de Ricardo Cabral.
http://www.geografia-ensino.com/2014_01_01_archive.html

Textos citados

AAVV, *Baixa Pombalina, pedido de inclusão na lista indicativa nacional para classificação como Património Mundial*, Comissão Portuguesa da UNESCO, coord. técnica e científica: Dr. Eng. João Mascarenhas Mateus e Prof.ª. Dr.ª. Raquel Henriques da Silva, Janeiro de 2004, p. 25.

ANÓNIMO, «O design das fachadas do Chiado», editado pela EkoArkitekt.com.

ARAÚJO, Carvalho (1918) in Nuno Ludovice, «Lisboa 1918: cidade de aparência

alegre e louca» *Cadernos do Arquivo Municipal*, nº 4, 2000).

BRAGA, Isabel, «O Chiado ardeu há 25 anos e renasceu das cinzas», *O Corvo*, 23.08.2013.

CALADO, Margarida, «O Chiado e o Cinema. Um ensaio entre história e memória», in *O Chiado e o Cinema. Do Cinematógrafo ao Videomapping. Artes na Esfera Pública*, coord. José Quaresma, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2015, pp.27-37.

CATULO, Kátia, «O Chiado entre o antes e o depois», *Diário de Notícias*, 23.08.2008.

COLLEYN, Jean-Paul, in *L'Anthropologie*, Paris, P.U.F., col. Que sais-je? (co-autoria com Marc Augé), 2004, pp. 65-70.

FÉRIA, Lourdes, «O inadiável da poesia», *Diário de Notícias*, 21 de Julho de 1989.

FIGUEIRA, Jorge, «Siza Vieira conta como foi o projecto de recuperação do Chiado», *Público*, 25.8.2013.

FRANÇA, J.-A. (1962), *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*, Lisboa, Livros Horizonte, 1965.

FRANÇA, J.-A., *A Reconstrução de Lisboa e a Arquitectura Pombalina*, Lisboa, Biblioteca Breve, vol. 12, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1977.

FRANÇA, J.-A., «O Chiado e o(s) cinema(s)», in *O Chiado e o Cinema...* coord. José Quaresma, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2015, pp. 17-21.

GUARDÃO, Maria João, «Pessoa no largo dos poetas sentados», *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 19 de Junho de 1988.

MOITA, Irisalva, «O Chiado – Seu contexto urbanístico e sociocultural», in *Lisboa – Revista Municipal*, ano XLIX, 2ª série, nº 25, 3º trimestre de 1988, ed. CML, pp. 3-19, disponível em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/LisboaRevM/N25/N25_master/N25.pdf>

NORA, Pierre (1984-1992), coord., *Les lieux de mémoire*, ed. 3 vol. Paris, Gallimard, 1997.

PEREIRA, Célia Nunes, «O Carmo na esfera da Arte Pública. O documentário como plataforma de preservação patrimonial» in *O Chiado e o Cinema...*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portuguesa, coord. José Quaresma, 2015, pp. 50-60.

PESSOA, Fernando, *Livro do Desassossego*, prefácio e organização de Jacinto do Prado Coelho, Lisboa, Ática, 1997 (2ª ed).

POMAR, Alexandre, «Salvo pelo fogo», in *Expresso Revista*, 5 de Julho 1994, pp. 24 a 27.

REGATÃO, José Pedro, «Arte Pública e Cinema no Chiado», in *O Chiado e o Cinema...*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portuguesa, coord. José Quaresma, 2015, pp. 61-71.

ROSSA, Walter, «Do plano de 1755-1758 para a Baixa-Chiado», in *Monumentos, Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, nº 21, Setembro de 2004.

SILVA, Raquel Henriques da, «Lisboa reconstruída e ampliada (1758-1903)», in *Lisboa 1755: O Plano da Baixa hoje*, ed. Walter Rossa e Ana Tostões, 126 – 167, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 2008. disponível em <<http://cidadaniaix.tripod.com/RHS2.pdf>>.

VIEIRA, Siza, *Chiado em Detalhe*, Verbo, Lisboa, 2013.

Filmografia

BOTELHO, João, *Os Maias – Cenas da vida romântica*, prod. Alexandre Oliveira, *Ar de Filmes*, Lisboa, 2014, 128’.

Outras obras de referência:

ARAÚJO, Norberto de, *Peregrinações em Lisboa*, Lisboa, Parceria A.M. Pereira, [1938]-1939, 15 vol.

BELDEMÓNIO (Eduardo Barros Lobo), *Do Chiado a S. Bento*, Porto, Livr. Portuense de Lopes & Cie, 1890. *Viagens no Chiado*, Porto, Barros & Filha, 1887. *À volta do Chiado*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1902.

CASTILHO, Júlio de, *Lisboa Antiga – O Bairro Alto*, CML, 1956.

COSTA, Mário, *O Chiado Pitoresco e Elegante*, Município de Lisboa, 1987.

NORONHA, Eduardo de, *À Esquina do Chiado*, Porto, Magalhães & Moniz, 1913. *À porta da Havana*, Porto, Magalhães & Moniz, 1911.

ROSSA, Walter; TOSTÕES, Ana (orgs.), *Lisboa 1758: o plano da Baixa Hoje, Catálogo da Exposição*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 2009.

SEQUEIRA, Gustavo de Matos, *O Carmo e a Trindade*, Lisboa, Câmara Municipal, 3 vol., 1939.

SILVA, Raquel Henriques da, *Lisboa romântica. Urbanismo e Arquitectura, 1777-1874*, Lisboa. 1997 (dissertação de doutoramento. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

da Universidade Nova de Lisboa. Policopiada).

SILVA, Raquel Henriques da, «Da destruição de Lisboa ao arrasamento da Baixa. História e Ciência da catástrofe», Lisboa, Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa/ Edições Colibri, 2007: 103- 111.

